



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15926 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

“VOCÊ NÃO VÊ QUE O PROBLEMA É PORQUE SOMOS AFEMINADOS?”: TRETAS COTIDIANAS NOSDOSCOM GÊNEROSEXUALIDADES NO CURSO DE PEDAGOGIA

José Rodolfo do Nascimento Pereira - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Jeanne Félix da Silva - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Ana Claudia da Silva Rodrigues - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

**“VOCÊ NÃO VÊ QUE O PROBLEMA É PORQUE SOMOS AFEMINADOS?”: TRETAS COTIDIANAS NOSDOSCOM GÊNEROSEXUALIDADES NO CURSO DE PEDAGOGIA**

---

## 1 INTRODUÇÃO

Perceber, por meio de nossas *vivências experiências*, sobre os modos singulares como somos produzidas/as, reconhecidas/as, legitimadas/as ou deslegitimadas/as, cotidianamente, é refletir com o emaranhado de tensionamentos complexos que nos subjetivam todos os dias. É, também, pensar nas redes (Alves, 2008) com as quais dialogamos a partir dos territórios que transitamos. Pensar nas redes, é assim como Alves (2003) aponta, pensar e escrever de outros modos. Desse modo, vale anunciar, desde já, que por uma questão de filiação *teórica epistemológica* com as pesquisas *nosdoscom* os cotidianos (Alves, 2003) que se movimentam em torno do questionamento do conhecimento herdado pela modernidade e inauguram outras formas de escrita, utilizaremos algumas palavras, que para nós não se desassocia, justapostas, ao longo do texto. Para além de uma aposta estética, é também política e epistemológica diante dos campos de conhecimentos com os quais operamos.

Social, histórica e culturalmente falando, estamos vivendo tempos nefastos diante de nuvens neoconservadoras que tentam, a todo o custo, desmantelar as nossas lutas por uma sociedade menos desigual e mais democrática, sobretudo, quando tocam nas questões que dizem respeito ao envolvimento com temas que sublinham os *gênerossexualidades*.

“Viado”, “Bicha”, “Homem que quer ser mulher”. Foram essas palavras proferidas diretamente a um grupo de alunos, que se reconhecem como ‘viados’, no curso de Pedagogia. O professor, sem saber como proceder, pede que as/os alunas/os se resolvam, pois, são adultos o suficiente para encarar esse problema.

O curso de Pedagogia, com o qual pesquisamos, se defronta e se afronta com mecanismos que, de algum modo, operam com processos de marginalização de algumas vidas em detrimento de outras. Mas, há uma relação bifurcada nesse caminho: ao mesmo tempo em que tentam enxotar, por exemplo, os meninos que são afeminados, que se nomeiam e se reconhecem como viados, criam-se disparadores que produzem alianças (Butler, 2018) de enfrentamento a violência e ao descrédito de serem vidas desobedientes às normas sociais heterossexuais.

Diante dos atravessamentos de *gênerossexualidades* que se apresentaram com o curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior, trazemos para a conversa (Ribeiro, Souza e Sampaio, 2018) uma cena, das muitas que se passaram, que pode nos fazer pensar sobre *gênerossexualidades*, como um marcador social e organizacional das diferenças, pode hierarquizar e subalternizar alguns corpos e seus modos de vivências cisnormativas que fogem a norma hétero e, assim, chacoalhar os ditames da famigerada ‘normalidade’.

Com isso, o texto objetiva problematizar as tensões em torno dos modos de vivência com *gênerossexualidades* que fogem a norma heterossexual *nos/dos/com* os cotidianos do curso de Pedagogia, em uma universidade federal nordestina. Nesse intento, se debruça com os conceitos de corpo e *gênerossexualidades*. Metodologicamente, se movimenta com o Cotidiano (Certeau, 1994) e com as conversas (Ribeiro, Souza e Sampaio, 2018) como aposta *teóricometodológica* das artes de fazer e suas desterritorializações, que se colocam no exercício de contestação da modernidade e criação de modos outros de pensar a liberação da vida que, nesse caso, não é prisioneira de ninguém.

O cotidiano se apresenta como o lugar no incerto, do escorregadio, do movediço e dos deslocamentos. Como um território de disputa e de tensões, o cotidiano é um lugar de olhar para o singular das pluralidades apostando em um processo de “transformação dos modos de interação entre os diferentes sujeitos, grupos, sistema de pensamentos, de crenças e de valores, horizontalizando-os, contribuindo para a viabilização da igualdade na diferença, de relações sociais de solidariedade, de cooperação mútua” (Oliveira & Sgarbi, 2008, p. 85), que investe na potência das diferenças culturais, sociais e históricas.

Apostando na polifonia das conversas (Ribeiro, Souza e Sampaio, 2018), dos encontros que ela articula, dos agenciamentos que ela faz e por compreendemos que “a conversa é um paradigma do conhecimento” (Sussekind,

2019, p. 271) e instaura o dissenso, decidimos que ela seria o elo de articulação em nosso investimento *teóricoepestemológico* para nos ajudar a pensar as tensões com *gênerosexualidades* enredadas no curso de Pedagogia.

Estruturalmente, o texto de organiza em três partes: na primeira apresentamos problemática, objetivo, conceitos e metodologia; na segunda, discorremos sobre a cena, analisando-a com os conceitos apresentados na seção anterior. Na terceira, trazemos algumas reflexões e aprendizados que tivemos com os movimentos da pesquisa.

Como resultados, percebemos que o cotidiano, como o lugar do incontrolável, tensiona os limites em torno dos significados atribuídos aos *gênerosexualidades* que destoam a heteronorma e, por isso, causa estranhamentos com os corpos que vivem na fronteira. Com isso, há sempre movimentos de resistência, entre os corpos que vivem a norma e aqueles que a desobedecem.

## 2 DESENVOLVIMENTO

**CENA:** Os dias seguiam no Centro de Educação e a agitação continuava. Vozes vinham de longe, em um tom alterado. Uma delas dizia: “bixa, me conta essa história direito: elas não quiseram que a gente ficasse no grupo delas, foi? E o professor falou o quê? Você foram lá dizer para ele que isso é grave? Nós estamos sofrendo preconceito, gente! Não querem fazer o trabalho em grupo com a gente porque nós somos viados (afeminados), vocês não entenderam que o problema é esse?” Eu cheguei junto para ver o que acontecia e um dos meninos me abordou e disse “é preconceito ou não é? Pois nós vamos mostrar para elas que viado não deita, meu amoor! Vamos fazer um grupo só com as bixas, só com as perigosas e vamos dar o nome nesse trabalho. Vamos mostrar que viado não é bagunça!”

Entender o corpo para além da matéria e do conjunto de músculos, articulações e sistemas é primordial para vê-lo em sua complexidade. Compartilhamos do pensamento de Goellner (2010) quando ela diz que

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam. (...) Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (Goellner, 2010, p. 28).

O corpo é entendido, aqui, como um conjunto de sentidos sociais, culturais, afetivos e políticos (Le Breton, 2006) que se coloca em um território de intensas disputas discursivas. O corpo é um jogo performático, assim como

*gênerosexualidades*. A performatividade é um processo que “às vezes oscila entre entender a performatividade como algo linguístico e apresentá-la como teatral” (Butler, 2007, p. 31). Assim, entendemos esse processo de performatividade encostado a “uma teoria linguística do ato discursivo com os gestos corporais” (Butler, 2007, p. 31), pois, se entrelaça aos olhos da sociedade que pode entendê-lo e compreendê-lo como processo que acontece e se desdobra de muitas formas. Não podemos pensar na performatividade “nem [como] um livre jogo nem a autorrepresentação teatral; nem pode ser simplesmente equiparada com a noção de performance no sentido de realização” (Butler, 2002, p. 145). Desse modo, partimos do pressuposto que se esse processo se imbrica a um movimento de construção de modos de ser, estejam eles implicados com a norma ou não, podemos pensar também nas rupturas das desmontagens e em como os *gênerosexualidades* podem ser desfeitos, no sentido de serem produzidos de outros modos, que fujam da coerência que possa existir entre corpo-gênero-sexualidade.

Compreendemos gênero como um marcador social das diferenças, como uma estratégia organizadora, uma prática que põe em funcionamento atos repetidos (Butler, 2003) para tornar um corpo adequado socialmente. Compreendemos gênero, ainda, como “uma série de ações normativas constrictivas que ‘adjetivam’ o sujeito em masculino ou feminino de forma distinta de um tom voluntarioso do próprio sujeito” (Dornelles, 2013, p. 40).

Tomamos sexualidade como uma rede de afetos e desejos, como uma “estética política”, como “sistemas complexos de comunicação” e como uma “montagem técnica entre vários corpos antes desconectados” (Preciado, 2022, p. 17). Diante das reflexões que tivemos ao longo da pesquisa que desenvolvemos, percebemos que não há uma separação nítida entre pensar em gênero e em sexualidade. À medida que identificamos alguém como homem ou mulher, diretamente passamos a imaginá-las/os em suas (in)correspondências desejantes. Daí, há um escrutínio minucioso dos *gênerosexualidades* alheios. Por isso, utilizamos a palavra *gênerosexualidades* justapostas, pois entendemos que há uma correlação de forças e de preocupação com a lógica que aponta para a reiteração da coerência normativa corpo-sexo-gênero-sexualidade. E quando há alguma dissonância nesse caminho, há movimentos de enquadramento à norma hétero.

O que ocorre na cena mencionada é o estranhamento de um corpo biológico masculino, que performatiza o seu *gênerosexualidade* e, nesse por-fazer, se desvia dos ditames da heteronorma, aqui entendida como “um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle” (Miskolci, 2009, p. 7) e, conseqüentemente, das relações de poder (Foucault, 2014) exercidas na tentativa de controlá-lo. Podemos atentar que é por meio da linguagem e dos símbolos que

“o poder se consolida e se perpetua, porque ele cria o conceito de verdade, naturalizando determinadas situações ou questões e repugnando outras” (Caetano, Júnior e Goulart, 2016, p. 131). As repugnações e as condições que legitimam ou não uma vida, passam pelas relações de poder e os limites estabelecidos pela modernidade que nomeiam e rotulam o que cada um/a é. Como Trevisan (2018) aponta

[...] a polivalência humana acabou sendo comprimida em categorias compartimentais como hetero, homo e bissexualidade, a partir de definições dualísticas que se baseiam no certo e errado, natural e antinatural, etc. Ora, tais categorias seriam dispensáveis se o macho hegemônico não precisasse se defender tanto de si mesmo [...] a sexualidade humana floresce como uma vivência policrômica, sem necessidade de categorias escritas, nem muito menos juízos morais daí derivados, valendo apenas os limites do convívio social (Trevisan, 2018, p. 200).

Temos observado que a preocupação em torno do *status* da heterossexualidade como uma norma tem se dado pela inquietação com o possível alargamento das possibilidades dela própria. Afinal, o que seria a heterossexualidade? Quais os cânones, os limites que estão encrustados nela? Quando pensamos nessas questões, compreendemos que a homossexualidade seria um contradiscurso que resiste a centralidade da heteronorma. Logo, visualizamos a heterossexualidade como a coerência do corpo-sexo-gênero-desejo. Esse é o ponto nodal da cena, a inversão da norma, o perigo da fronteira e a deslegitimação de corpos e dos *gênerossexualidades* que vão sendo colocados a margem, mas que, mesmo da margem, reagem e por meio do manifesto e do barulho, denunciam a névoa tóxica conservadora.

É interessante sublinhar que a partir dos tensionamentos narrados na Cena, paira um sentimento de revolta. Mas, ao mesmo tempo, de vitalismos e de resistência, criam-se laços afetivos de união e força que fazem ‘os viados’ pensarem em se unir e em pular a janela normativa para esgarçá-la. Uma outra questão que se coloca nesse entremeio, é: será que o desvio da norma precisa sempre provar que, (mesmo) carregando um *gênerossexualidade* desviante, é possível conseguir realizar certas coisas, e às vezes com mais esforços para que haja um diferencial superior, para que não reste dúvidas da possibilidade de realização de certas questões? Nos aliamos a Foucault para pensarmos em “Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?” (Foucault, 1981, p. 1). Nesse sentido, acreditamos, juntamente com Ortega (1999) que:

A luta homossexual deve (nisto consiste seu poder transgressivo ampliável a outros tipos de conflitos sociais: movimentos antirracistas, ou feministas etc.) aspirar à criação de um novo “direito relacional”, que permita todo tipo possível de relações, em vez de impedi-las ou bloqueá-las [...] A possibilidade de constituir formas novas de sociedade é

também possível para a comunidade heterossexual, que tem de ser incluída na luta por um novo “direito relacional” (Ortega, 1999, p. 170).

Talvez o afeto e a amizade sejam boas companhias para repensarmos “uma prática sexual que, enquanto tal, é combatida, barrada, desqualificada (Foucault, 1996, p. 268) pode ser um meio de aprendizagens, de construção de sentidos outros, de linhas de escrita outras.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano como o lugar da transgressão e da abertura para o ordinário, movimentou o curso de Pedagogia em torno dos significados outros produzidos com os *gênerossexualidades* que fogem a heteronorma. As conversas foram produtivas para repensarmos uma série de questões, sobretudo, o ato de encarar às diferenças como um território de aprendizagens constantes e incontroláveis.

No território do curso de Pedagogia, a norma que opera com muita força, socialmente falando, ainda é a heteronorma, que tem seu centro desenhado pela heterossexualidade, na qual os corpos, gêneros e sexualidades precisam obedecer a uma suposta coerência corpo-sexo-gênero-sexualidade estabelecida pela modernidade. Aos que não se adequam, há muitos investimentos sendo postos em ação para dar conta dos desvios, desequilíbrios, buscando controlá-los, afinal, nem todos os corpos se adequam às normas (Butler, 2003). Há, sempre, investimentos sendo acionados no intuito de apontar os desvios na perspectiva de endireitamento dos corpos, ao alinhamento das normas e manutenção da política da diferença sexual.

Os *gênerossexualidades* sempre foram objetos de vigilância da sociedade e quando nos reportamos às pessoas desviantes da norma, a intensidade desses olhos que se debruçam a esmiuçar os movimentos que reagem na contramão do que lhes é esperado, se esgarçam na perspectiva de esquadrihá-las. Há todo um policiamento em torno dos *gênerossexualidades* desviantes. Para isso, foram criados dispositivos para “ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular” (Foucault, 2020, p. 36) o que se faz, o que se sabe e o que se estuda sobre os *gênerossexualidades*. Definiu-se o que pode ser legitimado em torno de uma discussão moral, religiosa e científica em torno de uma norma do desenvolvimento sexual para cuidar e caracterizar todos os desvios (Foucault, 2020) da sexualidade. Por isso, a homossexualidade e todas as outras linguagens da sexualidade, senão a heterocentrada, são/estão inscritas socialmente em um lugar de perversão, desvio, abjeção, margem, estando pois fadadas a enfrentar o cheiro de enxofre ardente.

A cena trazida para a conversa neste texto aponta, com muita força, sobre a urgência de desmistificação e enfrentamento dos *gênerossexualidades*

considerados desviantes da heteronorma. É preciso desconstruir a imagem da homossexualidade, da bissexualidade, da travestilidade, da transexualidade, da lesbianidade e das tantas outras linguagens dos *gênerossexualidades* como fantasmas que assombram a sociedade. Vivemos em um campo minado de preconceitos, retrocessos, violências e deslegitimação de algumas vidas. Esse é um caminho que precisa ser repensado. Obviamente, sabemos que o preconceito está pulverizado em todos os espaços mas, mais precisamente em um curso cuja finalidade é formar pessoas que irão formar outras pessoas, como é o caso do curso de Pedagogia, se faz urgente que essa discussão sobre a igualdade e o respeito às diferenças sexuais e de gênero, bem como raça, religião e outros marcadores da diferença que não foram abordados aqui, estejam cada vez mais presentes.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes**. Petrópolis; DP et al, 2008, p. 13-38.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos** del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002

BUTLER, Judith. O Parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cad. Pagu**, Campinas, n. 21, 2003.

BUTLER, Judith. El género en disputa. **El feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós, 2007.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAETANO, Márcio, SILVA JUNIOR., and GOULART, T.E.S. “Eu me sentia assim, meio que excluído”: performances hegemônicas e as dissidências na escola. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 127-156. ISBN: 978-85-232-1866-9

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.

DORNELLES, Priscila Gomes. A (hetero)normalização em práticas pedagógicas da Educação física escolar. 2013. 193 f. **Tese** (Doutorado em Educação) -Programa de pós-graduação em Educação (PPGedu), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2013.

FOUCAULT, Michel. **Da amizade como modo de vida**. De l'amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Gai Pied, [S.I.], n. 25, p. 38-39, abr. 1981.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 42ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2020.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2010

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006. 104 pp.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; SGARBI, Paulo; **Estudos do Cotidiano & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: Relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução Carla Rodrigues – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SUSSEKIND, Maria Luiza. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 91-107, jan./mai. 2019. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/980/pdf> Acesso em: 07/03/2023

TREVISAN, J. **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**. Rio de Janeiro: Record, 2018

**Palavras-chave**: Cotidianos, Gênerossexualidades, Pedagogia, Homossexualidade.